

PALESTRA INTRODUTÓRIA SOBRE
O IÍDICHE Franz Kafka

Tradução Tomaz Amorim Izabel

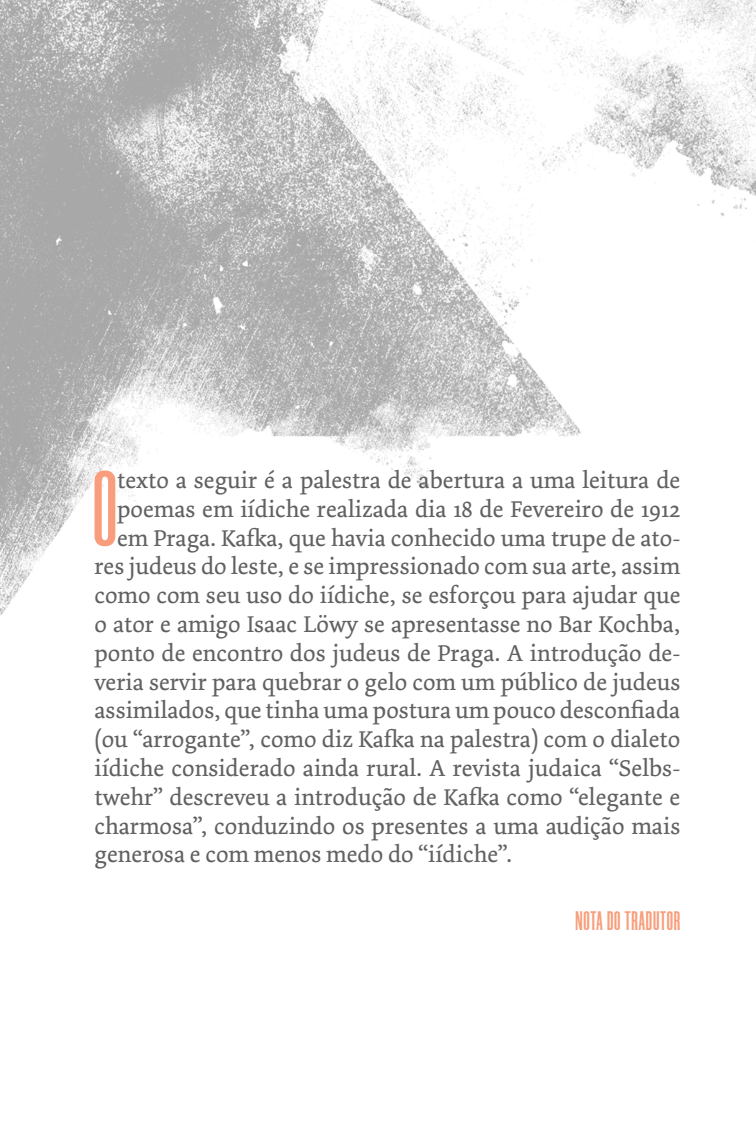


**PALESTRA INTRODUTÓRIA SOBRE
O ÍDICHE Franz Kafka**



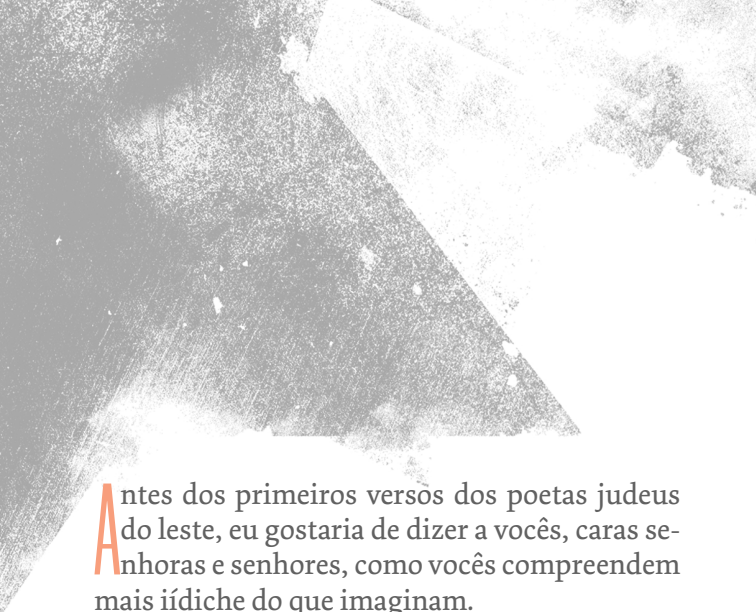
**PALESTRA INTRODUTÓRIA SOBRE
O IÍDICHE Franz Kafka**

Tradução Tomaz Amorim Izabel



O texto a seguir é a palestra de abertura a uma leitura de poemas em iídiche realizada dia 18 de Fevereiro de 1912 em Praga. Kafka, que havia conhecido uma trupe de atores judeus do leste, e se impressionado com sua arte, assim como com seu uso do iídiche, se esforçou para ajudar que o ator e amigo Isaac Löwy se apresentasse no Bar Kochba, ponto de encontro dos judeus de Praga. A introdução deveria servir para quebrar o gelo com um público de judeus assimilados, que tinha uma postura um pouco desconfiada (ou “arrogante”, como diz Kafka na palestra) com o dialeto iídiche considerado ainda rural. A revista judaica “Selbstwehr” descreveu a introdução de Kafka como “elegante e charmosa”, conduzindo os presentes a uma audição mais generosa e com menos medo do “iídiche”.

NOTA DO TRADUTOR



Antes dos primeiros versos dos poetas judeus do leste, eu gostaria de dizer a vocês, caras senhoras e senhores, como vocês compreendem mais iídiche do que imaginam.

Eu realmente não tenho preocupações sobre o efeito que está preparado para cada um de vocês esta noite, mas quero que ele seja produzido de forma livre, caso ele o mereça. Isso, no entanto, não pode acontecer caso alguns de vocês ainda tenham um tal medo do iídiche, medo que é quase visível em seus rostos. Sobre aqueles que são arrogantes em relação ao iídiche, não vou nem falar. Mas o medo do iídiche, medo com certa relutância, no fundo, é compreensível, se se quiser.

Nossas condições na Europa Ocidental, se olharmos com cautela, são ordenadas assim: tudo segue seu curso tranquilo. Vivemos em uma concórdia quase alegre: nos entendemos quando necessário; nos damos bem, sem precisarmos uns dos outros, quando nos convém e nos entendemos mesmo assim. Em uma tal ordem de coisas, quem poderia entender o confuso iídiche ou até mesmo quem desejaria fazê-lo?

O iídiche é a língua europeia mais jovem, com apenas quatrocentos anos e, na verdade, muito mais jovem. Ele ainda não desenvolveu formas de linguagem com aquela clareza, de que necessitamos. Sua expressão é curta e rápida.

Ele não tem gramática. Os entusiastas tentam escrever gramáticas, mas o iídiche continua sempre sendo falado, nunca descansa. O povo não o deixa para os gramáticos.

Ele consiste apenas de palavras estrangeiras. Elas, no entanto, não descansam dentro dele, mas mantêm a pressa e a vivacidade com que foram tomadas. As migrações dos povos atravessam o iídiche de uma ponta a outra. Todo esse alemão, hebraico, francês, inglês, eslavo, holandês, romeno e até latim é capturado den-

tro do iídiche por curiosidade e descuido. É preciso força para manter unidas as línguas neste estado. É por isso que nenhuma pessoa sensata pensaria em fazer do iídiche uma língua mundial, por mais próximo disso que ela esteja. Só o dialeto das ruas é que gosta de tomar emprestado dele, pois precisa mais de palavras individuais do que conexões linguísticas. Também porque o iídiche tem sido há muito tempo uma linguagem pouco levada em consideração.

Nesta agitação das línguas, no entanto, dominam novamente fragmentos de regras linguísticas conhecidas. Por exemplo, o início do iídiche remonta ao tempo em que o Alto-alemão médio se tornou o Novo Alto-alemão. Como havia possibilidades de escolha, o Alto-alemão médio usava uma forma e o iídiche outra. Ou o iídiche desenvolvia formas do Alto-alemão médio mais consistentes até mesmo do que o Novo alto-Alemão. Por exemplo, o “mir seien” do iídiche (“wir sind”, em Novo Alto-alemão) é mais naturalmente desenvolvido a partir do “sin” do Alto-Alemão médio do que a “wir sind” do Novo-Alto alemão. Ou o iídiche permaneceu com as formas do Alto-alemão médio, apesar do

Novo Alto-Alemão. O que chegou ao gueto uma vez, não se afastou de lá tão cedo. Assim, formas como “Kerzlach”, “Blümlach”, “Liedlach”¹ permaneceram.

E hoje os dialetos do iídiche ainda fluem para dentro destas formas linguísticas da arbitrariedade e da lei. Sim, todo o iídiche consiste apenas de dialeto, até mesmo a linguagem escrita, mesmo que a ortografia em grande parte tenha sido unificada.

Com tudo isso, acho que eu convenci a maioria de vocês, por enquanto, caras senhoras e senhores, de que vocês não vão entender uma palavra do iídiche.

Não esperem nenhuma ajuda da explicação dos poemas. Se vocês não são capazes de entender o iídiche, nenhuma explicação instantânea pode ajudá-los. Na melhor das hipóteses, vocês vão entender a explicação e perceber que algo difícil está por vir. Isso é tudo. Posso dizer-lhes, por exemplo:

1. Respectivamente: Kerzchen, Blümchen e Liedchen, no alemão contemporâneo, diminutivos respectivamente de vela, flor e canção.

O Sr. Löwy agora vai recitar três poemas, como ele realmente o fará. Primeiro, “Die Grine”, de Rosenfeld. “Grine” são os verdes [Grünen], os principiantes [Grünhörner], os recém-chegados à América. Neste poema, estes emigrantes judeus caminham em um pequeno grupo com suas bagagens sujas por uma rua de Nova York. O público naturalmente se reúne, se surpreende com eles, os segue e ri. O poeta, impactado com essa visão para além de si mesmo, fala a partir desta cena de rua sobre o Judaísmo e a Humanidade. Tem-se a impressão de que o grupo de emigrantes hesita enquanto o poeta fala, embora esteja longe e não o possa ouvir.

O segundo poema é de Frug e se chama “Areia e Estrelas” [Sand und Sterne].

É uma interpretação amarga de uma promessa bíblica. Ela diz que seremos como a areia na praia e as estrelas no céu.

Bem, pisados como a areia nós já somos, quando é que começa a parte das estrelas?

O terceiro poema é de Frischmann e diz: “A noite é silenciosa” [Die Nacht is still].

À noite, um casal de amantes encontra um estudioso devoto que vai para a casa de oração.

Eles ficam assustados, com medo de serem expostos, depois acalmam um ao outro.

Agora, como vocês podem ver, tais explicações não são suficientes.

Amparados com essas explicações, vocês vão procurar na apresentação aquilo que vocês já sabem e não irão ver aquilo que realmente está lá. Felizmente, porém, todos os que sabem a língua alemã também são capazes de entender o iídiche. Pois vindo de uma grande distância, a compreensibilidade externa do iídiche é formada a partir do idioma alemão; isto é uma vantagem sobre todos os outros idiomas do mundo. Mas por isso ela também tem uma desvantagem justa em relação a todos os outros idiomas. Não se pode traduzir do iídiche para o idioma alemão. As conexões entre o iídiche e o alemão são demasiado delicadas e significativas para que não se desfaçam imediatamente quando o iídiche é trazido de volta para o alemão, ou seja, não é iídiche que é trazido de volta, mas algo sem essência. Pela tradução para o francês, por exemplo, o iídiche pode ser transmitido, pela tradução para o alemão, ele é eliminado. “Toit”,

por exemplo, não é “tot” [morto] e “Blüt” não é de forma alguma “Blut” [sangue].

Mas não é apenas a partir dessa distância da língua alemã que vocês, caros senhoras e senhores, podem entender o iídiche; vocês podem dar um passo a mais. Não faz muito tempo, surgiu a língua franca confidencial dos judeus alemães, seja para aqueles que viviam na cidade ou seja para os do campo, mais no leste ou no oeste, como um precursor mais próximo ou mais distante do iídiche – e muitas de suas tonalidades ainda permaneceram. O desenvolvimento histórico do iídiche poderia, portanto, ter sido seguido quase tão bem quanto na profundidade da história e na superfície do presente.

Vocês chegam muito perto do iídiche se considerarem que dentro de vocês, além do conhecimento, há também forças ativas e conexões com forças que lhes permitem entender o iídiche com sentimento. Somente neste ponto o instrutor pode ajudar a acalmá-los, para que vocês não se sintam mais excluídos, e também para que percebam que não devem mais reclamar de que não entendem iídiche. Isso é o mais importante, pois a cada reclamação foge um en-

tendimento. Mas se vocês permanecerem em silêncio, então de repente vocês já estarão no meio do iídiche. Uma vez que vocês tenham capturado o iídiche – e o iídiche é tudo, palavra, melodia hassídica e a essência deste ator judeu oriental em pessoa – então vocês não reconhecerão mais sua calma anterior. Então vocês sentirão a verdadeira unidade do iídiche, tão forte que vocês terão medo, não mais do iídiche, mas de vocês mesmos. Vocês não seriam capazes de suportar esse medo sozinhos, se não viesse do próprio iídiche até vocês uma autoconfiança que resiste a esse medo e é ainda mais forte. Aproveitem o máximo que puderem! Se ele depois se perder, amanhã e depois – como seria possível mantê-lo na lembrança depois de única noite de apresentação! – então eu desejo que vocês também possam ter esquecido o medo. Pois nós não queremos puni-los.

Copyright© 2021 by Tomaz Amorim Izabel e Desalinho.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Pablo Rodrigues

ASSISTENTE EDITORIAL

Annelise Paz e Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kafka, Franz, 1883-1924

Palestra de introdução ao iídiche / Franz Kafka ; tradução Tomaz Amorim Izabel. — 1. ed. — São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2021.

Título original: Iídiche
ISBN 978-65-88544-12-9

1. Língua alemã 2. Línguas indo-europeias 3. Literatura iídiche
— História e crítica I. Título.

21-66021

CDD-839.1

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura iídiche : História e crítica 839.1
Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2021] DESALINHO

Rua Caricó, São João de Meriti, RJ.

Telefone: (21) 994428064

www.desalinhopublicacoes.com.br

www.blogdadesalinho.wordpress.com

desalinhopublicacoes@gmail.com

Este livro foi editado pela Desalinho Publicações em setembro
de 2021, na cidade de São João de Meriti, Rio de Janeiro.
Foram usadas as famílias tipográficas Dolly Pro & Morganite.



 Desalinho

 TRÓDZR


9 786588 544129